



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17399 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 12 - Currículo

POLÍTICAS PRÁTICAS E CURRÍCULOS PRODUZIDOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Evelin Mariana Claro Barbosa - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

POLÍTICAS PRÁTICAS E CURRÍCULOS PRODUZIDOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Este resumo apresenta um relato de experiência possibilitada pela relação dialógica estabelecida entre escolas e universidade para produção de conhecimento através de uma pesquisa de pós-graduação desenvolvida por uma professora de apoio educacional especializado atuante na educação básica do município de Niterói – RJ.

A educação especial na perspectiva da educação inclusiva é marcada por movimentos e disputas políticas, sociais, culturais e pedagógicas que vêm contribuindo para ampliação das compreensões ao direito de todos à educação. O trabalho pedagógico realizado por professoras de apoio educacional especializado – em sua maioria mulheres – nas escolas da rede municipal de ensino na cidade de Niterói resulta destes avanços. Estas profissionais elaboram e desenvolvem junto aos estudantes, famílias e demais profissionais envolvidos no processo de desenvolvimento do educando o Planejamento Educacional Individualizado (PEI), em que são registrados os principais objetivos de desenvolvimento considerando cinco áreas: estimulação sensorial, motricidade, comunicação, socialização e cognição.

O estudo teve como objetivo promover deslocamentos quanto ao que se propõe nas políticas oficiais por currículo e flexibilização curricular para estudantes ditos pessoas com deficiência, frente às propostas diversificadas que surgem como *políticas práticas* dos modos de existir e produzir currículos nos cotidianos escolares. O que torna determinados conhecimentos mais relevantes do que outros? Qual é a métrica capaz de aferir a forma como os saberes produzidos nos afetam e criam *conhecimentos significações* capazes de nos impulsionar em direção a modos de viver cada vez mais emancipatórios? Não há respostas definitivas para essas perguntas. Mas faz-se necessário questionar as relações hierárquicas

hegemonicamente estabelecidas entre conhecimentos que reforçam a subalternização de saberes.

Muito embora algumas políticas curriculares apresentem-se pautadas em premissas que não condizem com os princípios políticos de uma educação para todos o estudo realizado não se apresenta como um convite à negação ao que está posto em documentos regulatórios, mas como uma provocação para que, conhecendo-os, possamos ir além, problematizando-os e buscando nas experiências de estar juntos (SKLIAR, 2011), produções de conhecimentos enquanto saberes praticados que constituem *políticaspráticas* curriculares nos cotidianos da escola pública que caminha em direção ao que defendemos como justiça social.

Não se trata, portanto, de desconsiderar, anular ou reprimir os conhecimentos que nos são impostos como válidos, imutáveis e que estão frequentemente presentes nos documentos normativos, como este que temos hoje, chamado de Base Nacional Comum Curricular (2017) e que, possa vir a ser considerado por alguns como currículo. Trata-se de tensionar as noções de currículo e flexibilização curricular partindo da perspectiva de currículos, como processos de produção de conhecimento (GARCIA, 2015) que se dão nas interações culturais estabelecidas nos cotidianos e reconhecer nossas contribuições enquanto *professoraspesquisadoras* nas dimensões que constituem os cotidianos escolares, especialmente no campo de disputa em que os currículos se situam. Deste modo nos alinhamos ao que Boaventura de Souza Santos (2010) defende como ecologia de saberes, em que coexistem e se relacionam as diferentes formas de saber, valorizando a diversidade inesgotável do mundo e reconhecendo a pluralidade de saberes heterogêneos.

A problematização desta percepção de currículo excludente e homogeneizante contribui para pensar como a escola pode reproduzir lógicas de exclusão ou cooperar com a tessitura de relações culturais que resultam em processos de construção de sentido para a vida de todos os envolvidos (GARCIA, 2015). Deste modo, a pesquisa afirma que é possível pensar currículos na diversidade, percebendo a diferença e o encontro com o outro como parte potente e constitutiva da sociedade e do cotidiano escolar. Além de ajudar a perceber que existem movimentos curriculares contrários a lógica excludente e hierarquizante dos saberes e conhecimentos que reforçam a marginalização de grupos minoritários, auxiliou a produzir visibilidade às criações presentes em práticas comuns de professoras de apoio educacional especializado e a ampliar a percepção do que se compreende por conhecimento à medida que não restringe currículos à insuficiência e por vezes equívoco político-epistemológico da adaptação ou flexibilização curricular baseada em competências que pressupõem uma escala de capacidade. Filiando-se deste modo à busca por uma “prática permanente na qual o importante é o exercício de caminhar, de aprender, de buscar tornar o mundo melhor, mais igualitário, menos preconceituoso” (Oliveira, 2013, p.199).

A (re)existência às políticas de centralização curricular (GARCIA; FONTOURA, 2021), pode ser um caminho para subscrever a hierarquização de saberes, visibilizar presenças e criações que se dão nos encontros e validar conhecimentos como saberes praticados. Pode

ser também uma forma de participar “ativamente do processo de invenção da própria noção de inclusão” (LOPES; FABRIS, 2017, p. 4). Para alguns esta pode parecer uma perspectiva utópica, mas Paulo Freire, em sua pedagogia da esperança, me faz concordar que não renunciar ao sonho e à utopia é acreditar na prática educativa como “desocultadora das mentiras dominantes” (FREIRE, 1992, n.p). Nesta vereda das utopias praticadas (Oliveira, 2013, p.198) caminhamos produzindo currículos e compreensões de conhecimento emancipatórios, nos inserindo na luta política pelo desenvolvimento de uma consciência crítica capaz de desconstruir discursos e sentidos hoje hegemônicos sobre os complexos processos educacionais que atravessamos. Assim, tendo em vista que toda prática está enredada por concepções, interesses e posicionamentos políticos (OLIVEIRA, 2013), nosso fazer pedagógico pode então ser compreendido como parte de um movimento de luta esperançosa em prol da melhoria de nossa existência enquanto humanidade, reconhecendo e defendendo a existência do outro, estabelecendo aí uma relação que não se limite ao que possa ser entendido como uma relação inclusiva, mas simplesmente como uma relação.

PALAVRAS-CHAVE: Currículos, inclusão, políticas, cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

B R A S I L . *Base Nacional Comum Curricular*. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 7 abr. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GARCIA, Alexandra. Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo et al. (Orgs.). *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. v. 1. Petrópolis: DP et alii, 2015. p. 289-304.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. *Inclusão & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 128.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Currículo e processos de aprendizagemensino: políticaspráticas educacionais cotidianas*. Currículo sem Fronteiras, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Utopias praticadas: justiça cognitiva e cidadania horizontal na escola pública*. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p.191-201, jul./dez. 2013.

PASSEGGI, M. da C. *Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico*. Roteiro, [S. l.], v. 41, n. 1, 2016. p. 67-86. DOI: 10.18593/r.v41i1.9267.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-71.

SKLIAR, C. *Del estar-juntos en educación*. Revista Sul-Americana de Filosofía e Educação (RESAFE), [S. l.], n. 12, p. 63-76, 2011.